

Festividades no cotidiano do Grupo Escolar Farroupilha: o caso da Semana da Asa (Farroupilha/RS, 1940-1944)¹

Resumo

Resultado de pesquisa sobre o Grupo Escolar Farroupilha, localizado em Farroupilha/RS, o texto objetiva analisar os festejos da “Semana da Asa”, ocorridos na década de 40 do século XX, na cotidianidade desta instituição. A festividade celebrava o patriotismo, vinculando-o às forças armadas e privilegiando práticas pedagógicas repletas de sentidos para a difusão de valores cívicos. Contribuições da História Cultural e História da Educação orientam a análise documental histórica de fotografias e documentos escritos. Analisando as práticas escolares de comemorar datas como importantes construtoras de memórias e sentimentos de pertencimento, atentamos especialmente para a “Semana da Asa” pensando-a vinculada à nacionalização do ensino, pois o festejo tinha como intuito promover a internalização do patriotismo, celebrar feitos da história nacional, seus heróis e símbolos. Como ritual marcante da cultura escolar, acabou por contribuir na difusão de valores cívicos e morais, exaltar o amor à moderna Pátria brasileira, destacando sua força, importância, beleza e riqueza, entre alunos, mas também para famílias e comunidade farroupilhense que participaram assistindo e prestigiando os festejos vividos na instituição.

Palavras-chave: grupo escolar; festividades escolares; Semana da Asa.

Terciane Ângela Luchese

Universidade de Caxias do Sul – UCS
– Caxias do Sul/RS – Brasil
taluches@ucs.br

Cassiane Curtarelli Fernandes

Universidade de Caxias do Sul – UCS
– Caxias do Sul/RS – Brasil
cassianecfernandes@gmail.com

Para citar este artigo:

LUCHESE, Terciane Ângela; FERNANDES, Cassiane Curtarelli Festividades no cotidiano do Grupo Escolar Farroupilha: o caso da Semana da Asa (Farroupilha/RS, 1940-1944). *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 285-310, set./dez. 2022.

DOI: 10.5965/1984723823532022285

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723823532022285>

¹ O presente artigo é um recorte ampliado do estudo em nível de dissertação apresentado por Fernandes (2015).

Festivities in the quotidian of Farroupilha School Group: the case of the Wing Week (Farroupilha/RS, 1940-1944)

Abstract

This study presents research results on Farroupilha School Group, situated in Farroupilha/RS. This paper aims to analyze the festivities of the Wing Week, which took place in the 40s of the 20th Century, in this institution's daily life. The Wing Week celebrated patriotism, linking it to the armed forces and privileging pedagogical practices full of meanings for the dissemination of civic values. Contributions from Cultural History and History of Education guide us to the historical documentary analysis of photographs and written documents. Keeping in mind during analysis the school practices of celebrating dates as an important way of creating memories and evoking feelings of belonging, the Wing Week was carefully chosen due to its link to the nationalization of education, because the celebration was intended to promote the patriotism internalization and to celebrate national history conquests, its heroes and symbols. It has contributed to the promotion of civic and moral values and to exalting people's love for the modern Brazilian homeland, highlighting its strength, importance, beauty and richness among students, their families and the community from Farroupilha, who joined it by attending and honoring the celebrations in the institution.

Keywords: school group; school festivities; Wing Week.

Festividades en el cotidiano del Grupo Escolar Farroupilha: el caso de la Semana de la Ala (Farroupilha/RS, 1940-1944)

Resumen

Resultado de pesquisa sobre el Grupo Escolar Farroupilha, localizado en Farroupilha/RS, el texto objetiva analizar los festejos de la "Semana de la Ala", ocurridos en la década de 40 del siglo XX, en la cotidianidad de esta institución. La Semana de la Ala celebraba el patriotismo, vinculándolo a las fuerzas armadas y privilegiando prácticas pedagógicas colmadas de sentidos para la difusión de valores cívicos. Contribuciones de la Historia Cultural e Historia de la Educación orientan el análisis documental histórica de fotografías y documentos escritos. Analizando las prácticas escolares de conmemorar fechas como importantes constructoras de memorias y sensaciones de pertenencia, atentamos especialmente para la "Semana de la Ala" pensándola vinculada a la nacionalización de la enseñanza, pues el festejo tenía como designio promover la internalización del patriotismo, celebrar hechos de la historia nacional, sus héroes y símbolos. Como ritual marcante de la cultura escolar acabó por aportar en la difusión de valores cívicos y morales, exaltar el amor a la moderna Patria brasileña, destacando su fuerza, importancia, belleza y riqueza, entre alumnos, pero también para familias y comunidad farroupilhense que participaron asistiendo y prestigiando los festejos vividos en la institución.

Palabras-clave: grupo escolar; festividades escolares; Semana de la Ala.

Considerações iniciais

A vida escolar se desenrola no tabuleiro social como um rito, como uma liturgia. Há uma maneira de ser escola, que se expressa mediante rituais, mobilizando sentimentos, experiências e símbolos.

(Carlota Boto, 2014, p. 102)

Rituais, celebrações, comemorações. No cotidiano da vida escolar, como nos lembra Boto (2014), rotinas e rituais vivenciados com certa cadência imprimem nos corpos e nas mentes processos de significação, inscrevem modos de ser, pensar e sentir. Muitos desses sentidos foram produzidos a partir de datas festivas que foram impostas aos calendários escolares com o intuito de formar o cidadão em sintonia com as políticas da época. O presente texto resulta da pesquisa histórica em torno do Grupo Escolar Farroupilha², localizado em Farroupilha, Rio Grande do Sul. Essa escola iniciou sua história em 1927, no antigo Distrito de Nova Vicenza³, parte de Caxias do Sul, com a denominação de Grupo Escolar Rural de Nova Vicenza, emergindo em um contexto tipicamente rural, com a finalidade de ministrar o ensino primário e os conhecimentos práticos e rudimentares de agricultura. Sendo assim, ter um grupo escolar rural instalado em tal contexto para ministrar o ensino primário e também o ensino agrícola fazia sentido, pois era uma oportunidade de estudo gratuito para crianças e jovens da localidade, em um período em que existiam poucas escolas, além de ser um incentivo para que a comunidade continuasse crescendo e progredindo a partir do trabalho rural, em favor da chamada vocação agrícola do Brasil, assim como do Rio Grande do Sul.

As relações entre escola e nacionalismo (ou construção da nacionalidade) como lembra Souza (2009, p. 261) fazem pensar que “a emergência e disseminação da escola primária como instituição moderna e universal de socialização da infância ocorreu no processo de constituição dos Estados-nações durante o século XIX”. Olhar para as culturas escolares vividas no interior do Grupo Escolar Farroupilha, em especial para as suas festividades – caso da Semana da Asa – nos permite compreender nuances das suas

² Pesquisa realizada com financiamento integral da CAPES.

³ A partir de 1934 foi emancipado e constituiu-se o município de Farroupilha/RS.

práticas escolares, compreendidas como ações realizadas no interior da escola pelos sujeitos do processo educativo que socializaram, civilizaram e educaram o ‘cidadão’. A Semana da Asa resulta de um forte investimento na construção de sentidos conjugando a exaltação dos “heróis” nacionais, no caso, Santos Dumont, falecido em 23 de julho de 1932. O fato se vincula com a emergência do Dia do Aviador que foi associado com a Força Aérea brasileira em 23 de outubro, recordando o primeiro voo de Santos Dumont. Portanto, uma soma de momentos que eram rememorados por meio da Semana da Asa no mês de outubro nas escolas⁴.

Pensamos as práticas como os fazeres ordinários (CHARTIER, 2000) ou cotidianos que se constituem na relação com o outro e na maneira como os sujeitos se apropriam dos saberes, dos tempos e dos espaços, dos diferentes discursos políticos, pedagógicos e religiosos, assim como de outras culturas, mantendo “uma relação direta com o mundo exterior” (PERES, 2000, p. 26) que vão constituir o cidadão. E, como afirmou Petitat (1994, p. 142) a “nação e o cidadão se forjam na escola”.

E, com a contribuição de Chartier (2000) e Certeau (2014), pautamos a análise em torno das práticas escolares fabricadas nos intra e extra-muros da instituição pesquisada. E por meio de Certeau (2014, p. 86) também vamos atentado para as práticas escolares como “as mil maneiras de fazer com”, ou seja, os acontecimentos diários, os ritos, os hábitos produzidos na teia do cotidiano pelos sujeitos escolares. As práticas resultam dos matizes entre políticas que normatizam intenções pedagógicas, tradições nos modos de fazer, materiais escolares disponíveis e inventividades dos sujeitos envolvidos. As festas escolares, sobretudo no período de vigência do Estado Novo (1937-1945), tiveram a “função simbólica” de rerepresentar “o novo”, de reforçar os ideais de uma nova Pátria, de um novo cidadão e de uma nova identidade nacional, ou seja, de um “novo nascimento” que deveria ser comemorado e (re)lembrado coletivamente, tanto no interior das escolas, quanto em outros espaços sociais.

Para Silva (2011), as comemorações relacionam-se ao ato de rememorar, pois “o ato festivo surge então como uma forma de mantermos vivos, episódios que desejamos “arquivar” em nossa memória” (SILVA, 2011, p. 17, grifo da autora). Portanto,

⁴ Cabe mencionar que em 20/01/1941, pelo Decreto nº 2.961, foi instituído o Ministério da Aeronáutica e as Forças Aéreas Nacionais. Em fins de maio de 1941, passou a se chamar Força Aérea Brasileira, pelo Decreto Lei nº 3.302.

compreendemos que as festividades foram estratégias utilizadas pelo governo brasileiro, com o intuito de “manter viva” a identidade e a cultura nacional, propagando valores, sentimentos e ideais. Ainda em consonância com a autora, é possível dizer que o Estado:

Fez da escola um “lugar de memória” e especialmente de memória nacional. Nessa perspectiva, o Estado Novo buscou dominar a memória coletiva, o que compreendemos como uma forma de adestramento cultural, inventando novas tradições ou simplesmente reforçando as já existentes a partir de rituais comemorativos e, não raras vezes, de manifestações festivas. (SILVA, 2011, p. 18)

A ação de “comemorar” no cotidiano da escola primária assumiu a função de internalizar o patriotismo e evitar o esquecimento dos feitos da história nacional, bem como de seus símbolos e de seus “heróis”. Os festejos marcaram o calendário escolar como tempos de aprendizados, de memórias e de cultos às tradições (re)inventadas, pois, segundo Cândido (2007, p. 64), “era necessário desencadear emoções, encontrar símbolos dos fatos que desejavam recordar e provocar sentimentos para que as crianças aderissem a eles com paixão. Era preciso fazer com que o povo amasse a pátria”. O conjunto de tais representações que circularam nos festejos escolares ganharam significado ainda maior no contexto do Grupo Escolar Farroupilha, que tinha entre seus alunos descendentes de imigrantes, predominantemente aqueles saídos da península itálica, marcados etnicamente pelo modo de falar e de (con)viver.

Dessa maneira, apontamos que o cotidiano do Grupo Escolar Farroupilha foi marcado por diversas festividades que se constituíram como ritos da/na escola primária e mobilizaram sentimentos e experiências dos sujeitos que direta ou indiretamente as vivenciaram. Desse modo, nosso objetivo neste escrito é compartilhar a análise realizada em torno dos festejos, em especial da Semana da Asa, ocorridos na década de 40 do século XX, na cotidianidade do Grupo Escolar Farroupilha. Para realizar essa narrativa, buscamos subsídios nos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural e da História da Educação. A metodologia empregada consistiu na análise documental de fotografias e de documentos escritos, entre estes, o Livro Atas Cívicas (1940-1951) e o Diário da Escola (1940-1944), preservados no Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha (ACEF), antigo grupo escolar.

As festas que foram produzidas na escola mantiveram uma relação direta com os fatos sociais, políticos e históricos vividos em um tempo e um espaço determinado, com o intuito de “estabelecer redes, elos, cadeias sociais, voltados para civilizar comportamentos” (BOTO, 2014, p. 102). Nesse sentido, o Grupo Escolar Farroupilha instaurou ritos, produziu espetáculos e celebrou diversas datas comemorativas ao longo de sua trajetória institucional.

De Grupo Escolar Rural Nova Vicenza a Grupo Escolar Farroupilha

O presidente do Estado do Rio Grande do Sul, no uso da atribuição que lhe confere a Constituição, art. 20, n. 25, e de conformidade com o decreto n. 874, de 28 de fevereiro de 1906, resolve instituir um grupo escolar, para o fim especial de ministrar o ensino rural, na colônia Nova Vicenza, no município de Caxias.

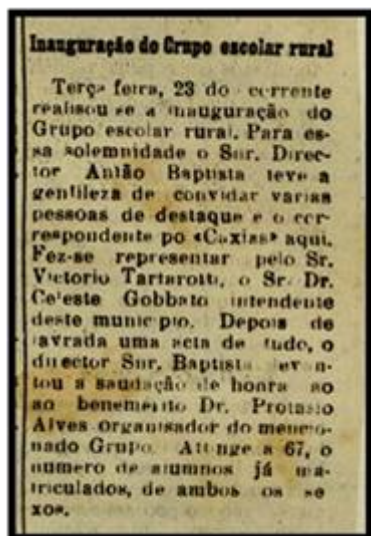
(RIO GRANDE DO SUL, 5/07/1927, p.356)

Em 05 de julho de 1927, o então presidente do Estado, Borges de Medeiros, pelo Decreto 3.867, instituiu os dois primeiros grupos escolares⁵ rurais no Rio Grande do Sul. Como mencionado, um instalado em Nova Vicenza (distrito de Caxias) e outro na Colônia General Osório, município de Cruz Alta. No caso do Grupo Escolar Rural de Nova Vicenza, ele foi instalado em agosto de 1927, a partir da reunião da 5ª Aula Pública e Mista de Nova Vicenza, sob regência da professora Maria Ignês Vizeu e a 22ª Aula Pública e Mista de Nova Vicenza, sob a regência da professora Maria Mocellini. Para administrar o grupo escolar, foi indicado Antão de Jesus Baptista, técnico agrícola formado pelo Instituto de Zootecnia de Viamão/RS.

A notícia de abertura do grupo escolar foi noticiada no jornal Caxias em fins de agosto:

⁵ Sobre os colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul, sugerimos consultar: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (org.). *Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar, séculos XIX e XX*. São Leopoldo: Oikos, 2016.

Figura 1 – Jornal ‘Caxias’ de 25/08/1927, noticiando a inauguração do Grupo Escolar Rural de Nova Vicenza



Inauguração do Grupo Escolar Rural

Terça-feira, 23 do corrente realizou-se a inauguração do Grupo Escolar rural. Para essa solenidade o Sr. Director Antão Baptista teve a gentileza de convidar várias pessoas de destaque e o correspondente do “Caxias” aqui. Fez-se representar pelo Sr. Victório Tartarotti, o Sr. Celeste Gobbato, intendente deste município. Depois de lavrada uma acta de tudo, o director Sr. Baptista levantou a saudação em honra do benemérito Dr. Protásio Alves, organizador do mencionado grupo. Atinge a 67 o número de alunos já matriculados, de ambos os sexos.

Fonte: INAUGURAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR RURAL, 25/08/1927, p. 02.

O grupo escolar iniciou suas atividades em um espaço improvisado localizado no prédio da Subintendência Municipal, nas proximidades da Estação Férrea, disponibilizando o ensino misto com um total de 85 alunos matriculados, sendo 37 meninos e 48 meninas⁶, dados que diferem da reportagem noticiada no Jornal Caxias. Ao que tudo indica, surgiu com a finalidade de ministrar o ensino primário e os conhecimentos práticos e rudimentares da agricultura. Em 1933, a escola muda sua nomenclatura e passa a identificar-se como Grupo Escolar de Nova Vicenza. Tal mudança coincidiu com a saída do Diretor Antão de Jesus da direção escolar e com as mobilizações políticas para a emancipação do Distrito, ocorridas em 11 de dezembro de 1934, originando o município de Farroupilha.

Alice Gasperin, professora do Grupo Escolar, menciona em um de seus livros que: “O dito Grupo funcionou por algum tempo em prédio de madeira com o nome de Grupo Escolar de Nova Vicenza. Passou depois a outro prédio, também de madeira, tomando o nome de Irene Guerra Flores da Cunha” (GASPERIN, 1989, p. 231). Encontramos poucos indícios acerca dessa nova modificação no nome da instituição, mas acreditamos que tenha ocorrido entre os anos de 1935 e 1937, período em que o General Flores da Cunha esteve à frente do governo estadual, uma vez que interpretamos essa mudança como

⁶ Os dados apresentados a respeito do número de alunos matriculados foram identificados no Relatório da Intendência Municipal de Caxias, correspondente ao período administrativo de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1927 (p. 111), localizados no AHMJS – Caxias do Sul/RS.

uma suposta homenagem ao representante político, sendo que Irene Guerra Flores da Cunha era o nome de sua esposa. Já em 1937, período em que Getúlio Vargas criou o Estado Novo, Flores da Cunha foi obrigado a deixar o governo estadual. Assim, a partir desse ano, a escola passou a ser denominada como Grupo Escolar de Farroupilha⁷, perdurando com essa toponímia até 1944, quando passou a ser chamado Grupo Escolar Farroupilha⁸.

Além da mudança de nomenclatura, os reflexos do Estado Novo podem ser percebidos na construção de um novo prédio para abrigar a escola, assim como na contratação de novas professoras, no aumento de matrículas e na produção de uma infinidade de práticas escolares, entre estas, a ênfase nas festividades. Na fotografia abaixo é possível verificar o novo prédio do Grupo Escolar inaugurado em 1938.

Figura 2 – Prédio do Grupo Escolar Farroupilha, 1938



Fonte: Acervo fotográfico da Biblioteca Euclides da Cunha, Colégio Estadual Farroupilha – Farroupilha/RS.

Entre os anos de 1940 a 1944, a escola mantinha um corpo docente composto aproximadamente por dez professoras e as matrículas oscilavam entre 279 a 243 alunos, divididos entre as turmas de Jardim de Infância e depois de 1º a 5º ano.

⁷ A escolha do nome foi uma homenagem ao município de Farroupilha, logo, também faz uma homenagem ao Estado, já que a toponímia “Farroupilha” se refere à Revolução Farroupilha ocorrida no Rio Grande do Sul entre os anos de 1835 a 1845.

⁸ Perdura com essa nomenclatura até o ano de 1978, momento em que são unificados o Grupo Escolar e o Ginásio Estadual Farroupilha, que funcionavam no mesmo prédio, para a organização da Escola Estadual de 1º Grau Farroupilha.

A presença de comemorações marca o cotidiano do grupo escolar desde os seus primeiros anos, com destaque para o ensino cívico, como previsto pelo Regimento Interno dos Estabelecimentos de Ensino Público do Estado, de 1927⁹. E as festividades envolvem as famílias, as autoridades locais e dão visibilidade para as atividades e aprendizagens desenvolvidas no interior da escola. Como nas duas evidências a seguir que, de modo ilustrativo, demonstram como esses momentos das comemorações são noticiados e ganham as páginas de jornais – locais e estaduais, dando relevância às práticas vividas no interior da escola.

Figura 3 – Comemorações do 20 de setembro de 1929



20 de setembro em Nova Vicenza

Programa da comemoração do dia 20 de setembro do Grupo Escolar Rural de Nova Vicenza assistida pelas principais autoridades do lugar e numerosas famílias. 1º Entrada da bandeira Rio-Grandense; 2º Hino Rio-Grandense por um grupo de alunos; 3º Oferta do retrato do Dr. Getúlio Vargas ao Grupo Escolar Rural, pelas professoras Maria Ignez Vizeu, Ida Nunes Santiago e Maria Mocellini, falando em nome das suas colegas, a professora D. Maria Mocellini; 4º Discurso do Sr. Diretor do Grupo; 5º Recitativa do aluno da 3ª classe José Vizeu; 6º Marcha – o Liberal, canção cantada pelos alunos do Grupo; 7º Passeata cívica, juntamente com o comitê da respectiva localidade e famílias do lugar, pelas principais ruas, cumprimentando os representantes dos jornais, chefe político e sub-intendente, sendo levantado vivas ao Dr. Getúlio Vargas, nosso digno presidente do Estado e ao Dr. Oswaldo Aranha, digno secretário do Interior, Dr. Borges de Medeiros, chefe do Partido Republicano e ao inesquecível Patriarca Dr. Julio de Castilhos.

Sendo os alunos puxados pela bandeira tricolor rio-grandense, acompanhados nos cantos pelo maestro Sr. Arnaldo Trein.


Fonte: 20 DE SETEMBRO EM NOVA VICENZA. 24/09/1929, p. 08.

As comemorações cívicas e festas escolares, como lembram Teive e Dallabrida (2011, p. 153) foram “momentos especiais de visibilidade dos grupos escolares, cujas programações eram publicadas na imprensa escrita e as suas realizações contavam com a presença de autoridades locais e/ou estaduais” além de oferecerem, pela cadência dos

⁹ Decreto nº 3903, de 14 de outubro de 1927. Regimento interno dos estabelecimentos de ensino público do Estado do Rio Grande do Sul.

anos e da marcação das datas, para estudantes, famílias e comunidade, uma prática escolar revestida de valor simbólico que buscava contribuir para a construção da nacionalidade e a difusão dos valores cívico-patrióticos. Na Figura 4, outra evidência da comemoração da tradicional data de 7 de setembro:

Figura 4 – Festividades de comemoração do 7 de setembro de 1933



Grupo Escolar de Nova Vicenza

O Grupo Escolar de Nova Vicenza festejou belamente a data de 7 de setembro deste ano.

Às 1 hora desse dia, 95 alunos de ambos os sexos e em grande maioria uniformizados, acompanhados pelo corpo docente, desfilarão até a estação da via férrea onde aguardaram a chegada do trem em que viajava o cel. Muratore, prefeito deste Município.

Depois de assistir, na gare da estação o discurso do orador, que apresentou as boas vindas à S. S. O Grupo regressou à sua sede, para iniciar as festividades marcadas.

Feita a explicação da data pela prof. Maria Mocellini, chegara à sede do Grupo Escolar o cel. prefeito, com grande comitiva de Caxias e desta localidade, sendo recebidos com uma grande ovação de palmas, que antecedeu o hino da independência cantado pelos alunos.

Logo depois com a palavra, o prof. J. D. Pedroso Júnior, diretor do Grupo, em longo discurso, brindou os exmos. Srs. Gal. Flores da Cunha e cel. Muratore, declarando inaugurados os seus retratos.

Agradecendo em nome do cel. Muratore, falou o dr. Adolfo Penha, que em brilhante discurso, falou exaltando os feitos dos homenageados e terminando com uma bela oração ao dr. Getúlio Vargas.

Depois de diversos recitativos pronunciados por vários alunos do Grupo, foi encerrada a comemoração da data com o Hino Nacional, cantado pelo corpo discente e docente, canto a que se associaram a orquestra e todos os presentes.

Houve farta distribuição de doces e gasosa.

Fonte: GRUPO ESCOLAR DE NOVA VICENZA, 13/09/1933, p. 02.

O canto de hinos, os discursos, as marchas, a declamação de poesias, os teatros e as encenações, ou mesmo as exposições de trabalhos foram algumas das atividades postas em ação nas comemorações cívicas, bem como em outras datas que passaram a integrar o quadro de festividades prescritas. O Decreto 8.020, de 29 de novembro de 1939¹⁰, estabeleceu o programa mínimo para as escolas primárias do Rio Grande do Sul e nele, como pilares, o ensino do civismo e da moral, que aconteceriam no dia a dia da escola com destaque para o professor, como exemplo, para guiar em direção ao ‘bem’ e

¹⁰ Como Secretário de Educação e Cultura, J. P. Coelho de Souza e como Interventor Federal, O. Cordeiro de Farias.

ao ‘dever’. Disciplinas como Estudos Sociais, Música, Linguagem e Estudos Naturais se interligariam ao ensino cívico e moral, que objetivaria nos três primeiros anos: a) o amor ao lar e à família; b) a obediência; c) a generosidade; d) a ordem; e) a veracidade; f) o respeito aos direitos dos outros; g) as boas maneiras; h) responsabilidade na conservação da saúde e segurança individual; além de “reconhecer e reverenciar os símbolos pátrios, a conhecer a pátria, de acordo com o seu desenvolvimento mental e com as noções de história, geografia e ciências naturais que vai adquirindo, e a amá-la pelos motivos que se lhe apresentam” (RIO GRANDE DO SUL, 1939, p. 128 e 129). Muitos dos momentos experimentados nas festas escolares tinham o tom anunciado pela prescrição de ensino posta em jogo a partir de 1939. No próximo subtítulo, analisaremos as práticas em torno da ‘Semana da Asa’.

Os Festejos da Semana da Asa

Dirigiram-se para a Igreja Matriz, onde foi celebrada uma missa com memória dos aviadores falecidos, tendo as crianças comungado. Ao finalizar a cerimônia religiosa, dirigiram-se todas as crianças para a Praça da Bandeira, onde foi hasteado o Pavilhão Nacional.

(Livro Atas Cívicas (1940-1951) – ACEF)

Assim como as celebrações em torno da Semana da Pátria, do Dia da Árvore e da Primavera, a Semana da Asa, comemorada sempre na terceira semana do mês de outubro, também procurou contribuir para a construção da memória nacional¹¹, ao focalizar os feitos e os “heróis” da aviação do Brasil. De acordo com os indícios encontrados, compreendemos que esses festejos começaram a ser desenhados no Rio Grande do Sul, assim como no restante do Brasil, no início da década de 30 do século XX, sob os discursos de modernidade e de identidade nacional. O Jornal A Federação¹², um impresso gaúcho publicado em Porto Alegre, mas com circulação em todo o estado,

¹¹ A construção de uma memória histórica nacional que se vincula ao projeto de nacionalismo e ao desejo de construção de uma identificação com a nação pode ser pensada como um conjunto de tradições inventadas, como nos lembra Hobsbawm (2002).

¹² O Jornal A Federação, publicado entre os anos de 1884 a 1937, representava a posição oficial do governo positivista gaúcho. Alguns de seus exemplares estão disponíveis para consulta on-line na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

noticiou em 1935 que os aviadores brasileiros queriam “movimentar o espírito nacional em torno das asas do Brasil, de suas possibilidades, de suas derrotas amargas e de seus altos triunfos” (AVIADORES, 22/10/1935, p. 5).

Nesse momento histórico, a aviação passou a simbolizar progresso e modernidade para o país, além de estar profundamente ligada com as questões de identidade nacional, sendo que era brasileiro um de seus principais representantes. Em meio a esse cenário, era necessário divulgar e enaltecer os feitos de Santos Dumont, um dos heróis nacionais no período em questão. Assim sendo, o Presidente Getúlio Vargas sancionou em 1936, a Lei nº 218, de 04 de julho de 1936, instituindo o Dia do Aviador, que deveria ser celebrado em 23 de outubro de cada ano, especialmente nas instituições escolares. As representações impressas no referido Jornal apontam para o clima de mudanças que estaria por vir nos anos posteriores com a instalação do Estado Novo. Nota-se que os sentimentos de admiração pela personalidade de Santos Dumont, bem como de amor pela Pátria “corajosa” e “moderna”, já estavam sendo evidenciados.

Com o início do Estado Novo¹³, a partir de 1937, se intensificam as estratégias utilizadas pelo governo para reforçar os laços identitários com a nação brasileira. Assim, de acordo com algumas reportagens publicadas no Jornal Diário de Notícias, em 1940, é possível observar que o governo determinava aos estados e municípios que organizassem celebrações em torno do Dia do Aviador e também da Semana da Asa. A reportagem abaixo apresenta um trecho do telegrama enviado pelo Ministro Francisco Campos, ao então Interventor do Rio Grande do Sul, Cel. Cordeiro de Farias:

Devendo comemorar-se a 23 de outubro vindouro o “Dia do Aviador”, instituído pela Lei 218, de 4 de julho de 1936, bem como a “Semana da Asa”, de 19 a 27 do mesmo mês, sob o patrocínio do Aeroclubes Brasileiro, peço a v. excia. providencias no sentido de que tenham essas comemorações devido relevo nesse Estado. Determina a citada lei que tenha o “Dia do Aviador” condigna celebração cívica, desportiva e cultural, realçando-se, especialmente, como pioneiro do voo em aparelho

¹³ Para SCHWARTZMAN *et.al.* (2000, p. 181 e 182), durante o Estado Novo, a “formação do Estado Nacional passaria necessária e principalmente pela homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia. [...] O episódio da nacionalização do ensino mostra bem o conteúdo do projeto nacionalista brasileiro do período pós-1937. De feição conservadora e autoritária, foi ele marcado pelo caráter excludente, avesso à convivência pluralista e diversificada. Seu ponto de partida era o diagnóstico de uma absoluta ausência de integração nacional, em função da “prática degeneradora do liberalismo” predominante na história política do período anterior à Revolução de 1930”.

mais pesado que o ar. (DIA DO AVIADOR E SEMANA DA ASA, 04/10/1940, p. 10)

Esse impresso nos faz refletir acerca dos movimentos realizados pelos governantes com o intuito de propagar para todo o país os valores e os sentimentos de pertencimento a Nação. Assim, entendemos que Semana da Asa, foi uma celebração introduzida no calendário escolar durante o Estado Novo, utilizada como uma possível estratégia de nacionalização, uma vez que era na escola que estavam os pequenos cidadãos que levariam adiante os novos ideais. Outra reportagem publicada nas semanas seguintes à anterior, nos dimensiona para a grandiosidade do evento que seria realizado:

Será celebrada, de 19 a 26 do corrente, a “Semana da Asa”, tendo sido organizado um primoroso programa de festividades. A Diretoria Geral da Instrução Pública, está adotando uma série de providencias para que os escolares desta capital cooperem para que as comemorações alcancem o desejado brilhantismo. (SEMANA DA ASA, 16/10/1940, p. 04)

Pelas constantes publicações sobre a Semana da Asa já é possível enfatizar que era um acontecimento considerado importante e que mobilizaria alunos, pais e comunidade em geral, não só na capital, mas especialmente no interior do estado, onde existia uma maior concentração de imigrantes e descendentes. No interior, a disseminação da comemoração ganhava sentido marcado pela nacionalização. Mas o que o Grupo Escolar Farroupilha trabalhou durante a Semana da Asa? Trabalhou a história e os “feitos” de Santos Dumont, de Bartolomeu Lourenço de Gusmão¹⁴ e de Augusto Severo¹⁵, assim como os conhecimentos acerca da aviação nacional e da profissão de aviador, além de incentivar a campanha do alumínio e do zinco por meio da celebração.

O planejamento da Semana da Asa iniciava normalmente no dia 18 e se estendia até o dia 25 de outubro. A celebração seguia de maneira similar ao programa executado nos festejos do Dia da Árvore, contando com a apresentação de poesias, de redações, de álbuns, de cartazes e de canções produzidas em sala de aula no decorrer da semana, bem

¹⁴ De acordo com as informações encontradas, o Padre brasileiro, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, teria ficado conhecido por realizar diversas experiências perante a Corte portuguesa com balões de ar quente.

¹⁵ De acordo com as informações encontradas, o brasileiro Augusto Severo teria criado o Dirigível Pax, uma espécie de balão dirigível semirrígido no início do século XX, falecendo em Paris, em 12 de maio de 1902, quando o seu Dirigível teria explodido minutos após o voo. É considerado, ao lado de Santos Dumont e de Bartolomeu Lourenço de Gusmão, uma das personalidades da aviação nacional.

como de palestras e de concursos realizados no dia 23 de outubro, Dia do Aviador, ou no último dia do evento.

A seguir, transcrevemos um fragmento presente no Livro Atas Cívicas (1940-1951) do Grupo Escolar, pois, por meio desse registro, é possível compreender um pouco do planejamento organizado para o encerramento da festividade, sendo que o último dia contava com uma programação mais extensa e se ampliava para as autoridades locais e demais convidados, o que, de certa forma, proporcionava à escola uma maior visibilidade do trabalho desenvolvido. Assim, por meio dessa e de tantas outras solenidades, “ela se dava a conhecer e a admirar” como reflete Souza (1998, p. 261).

Encerramento da “Semana da Asa”.

Aos vinte e cinco dias do mês de outubro de mil novecentos e quarenta e um, às 9 horas, na sala de festas do Grupo, com a presença de autoridades locais, pais de alunos e corpo docente e discente realizou-se o auditório de encerramento da “Semana da Asa”, em foi desenvolvido o seguinte programa: 1-Hino Nacional, cantado por todos os presentes; 2- Preleção pela profa. Albertina Cibelli; 3- Lourenço de Gusmão – leitura – redação – pelo aluno Rui Peters, do 6º ano; 4- Bartolomeu de Gusmão – poesia – pelas alunas Liriam Fetter, Elma Fitareli e Zita Longui; 5- Vantagens da aviação – leitura de uma composição – pelo aluno Flávio Comin, do 6º ano; 6-Entrega dos prêmios do concurso de pandorgas; 7- Canção do Aviador – cantada pelos alunos; 8- A aviação – composição – pelo aluno Eljocir Pesca, 5º ano; 9- O avião fantasma – poesia – pela aluna Hilda Bataseini, do 6º ano; 10- Revoada de planadores de papel - pelos alunos do 2º ano A; 11-Augusto Severo – leitura – pela aluna Carmen Klares, do 2º ano A; 12- O voador – poesia – pela aluna Lourdes Lazari, 3º ano; 13- Leituras da melhor frase feita pelos alunos do 1º ano B; 14- O mestre d’antanho – dramatização – por um grupo de alunos do 4º ano; 15- Exposição e apresentação dos trabalhos realizados durante a Semana: desenhos, pandorgas, balões, aviões, planadores, álbuns, cartazes, etc.; 16- Concurso de aviões e planadores; 17-Exposição do alumínio (2kg700) e zinco (7kg 600), arrecadados durante a “Semana da Asa”; 18- Hino à Bandeira – cantado por todos. (Livro Atas Cívicas (1940-1951) – ACEF)

Como se vê, parece que apenas a turma do Jardim de Infância não participou das atividades realizadas na Semana da Asa de 1941, sendo que as demais tiveram a oportunidade de mostrar aos presentes um pouco do trabalho realizado durante a semana envolvendo a temática em questão, que, por sinal, se associava aos conhecimentos históricos ao exaltar os principais personagens da aviação nacional, como Santos Dumont, Bartolomeu Lourenço de Gusmão e Augusto Severo.

Assim, além de reforçar a importância dessas “pessoas ilustres” para a História do Brasil e por meio de seus feitos, desenvolver nos participantes os sentimentos de pertencimento à Pátria e de valorização da cultura nacional, essa celebração também tornou público o trabalho da escola e de suas professoras.

Em meio às atividades (re)produzidas nessa festividade escolar, destacamos brevemente dois pontos que merecem algumas considerações: as campanhas escolares e a utilização da música nas celebrações, visto que foram práticas frequentemente utilizadas nos processos de ensino-aprendizagem no interior do Grupo Escolar Farroupilha e em conformidade com Peres (2000, p. 352) “estavam diretamente associadas à modernidade pedagógica”.

Sendo assim, por meio das fotografias e do Livro Diário da Escola (1940-1944), é possível identificar que a campanha da borracha, a campanha antialcoólica, a campanha de boas maneiras e a campanha do alumínio fizeram parte do processo histórico educacional da instituição pesquisada, ao longo da década de 1940 do século XX, uma vez que “tinham o objetivo de atingir diretamente a vida e os comportamentos dos alunos” (PERES, 2000, p. 358).

Nesse sentido, as campanhas escolares procuravam orientar os modos de agir dos(as) alunos(as) e, de certa maneira, também de suas famílias, a partir dos hábitos de preservação, de conscientização, de doação, entre outras atitudes que deveriam ajudar na construção de uma sociedade melhor. Logo, entendemos que as campanhas em prol da borracha, do zinco e do alumínio possibilitavam aos alunos e aos pais “o aproveitamento de sobras e materiais aparentemente inúteis” como destaca Peres (2000, p. 155).

Acreditamos que o alumínio e o zinco arrecadados durante a Semana da Asa de 1941 podem ter sido doados ao governo, pois há indícios de que, ao menos o alumínio, era reutilizado na construção de aviões¹⁶ para o país. O Livro Diário da Escola (1940-1944) ilustra essa afirmação ao apresentar o seguinte registro referente às comemorações da Semana da Asa de 1942: “foi remetido à Capitania do Porto, como cooperação deste

¹⁶ Segundo o site da Força Aérea Brasileira: “A Campanha Nacional de Aviação, liderada pelo Ministério da Aeronáutica, reunia empresários, aeroclubes e o próprio governo para a expansão do setor no país. Por trás das ações, estava o esforço de guerra - ocorreram campanhas de arrecadação em todo o país, de dinheiro, de alumínio para a construção de aviões, de doações de aeronaves”. Acesso em: 28 set. 2015.

Grupo à Campanha do Alumínio: Zinco – 2, 600kg e Alumínio – 4kg”. Esse “achado” de pesquisa descarta a ideia inicial de que a escola vendia o alumínio e o zinco recolhidos nessa solenidade, destinando o valor à caixa escolar.

Em relação às campanhas de boas maneiras e antialcoólicas, pode-se dizer que estavam mais relacionadas às condições de uma vida saudável e feliz, longe dos vícios e das doenças, como é possível perceber a partir das contribuições de Peres (2000):

Cuidar da saúde, da alimentação, do corpo, da alma, evitar doenças, vícios, influências malsãs, ensinar preceitos de higiene, de comportamentos, influenciar os gostos e as decisões, incutir regras de economia, de civismo, de bondade, incentivar a fraternidade local e mundial, entre outras, foram funções atribuídas à escola. (PERES, 2000, p. 155, grifos da autora)

Por meio das festividades desenvolvidas na escola, a música, seja em formato de hino, seja de canções em torno da temática da festa, era uma prática de ensino-aprendizagem recorrentemente utilizada pelas professoras, pois, nesse período, a música “era considerada uma forte aliada na formação moral e cívica dos alunos das escolas públicas” (PERES, 2000, p. 368). Mas, não poderia ser qualquer música, como determinava o Regimento Interno das Escolas Primárias de 1939, no Art.º47:

Através de todos os números constitutivos do programa devem ser respeitados os princípios formadores da consciência moral, não se permitindo, em absoluto, cantigas, canções, sambas cuja letra não satisfaça do ponto de vista da adaptação ao nível mental das crianças, aos seus interesses e a educação moral e estética. (RIO GRANDE DO SUL, 1939, p. 149)

De acordo com o Livro Diário da Escola (1940-1944), a Canção do Aviador, cantada pelos (as) alunos (as) na Semana da Asa, do ano de 1941, foi uma sugestão do Prefeito Nelson T. Schneider. Segundo o documento, “Recebemos do Sr. Prefeito Municipal 10 exemplares da ‘Canção do Aviador’ para serem distribuídas entre os Grupos e Escolas do Município” (LIVRO DIÁRIO DA ESCOLA, 1941 – ACEF). No entanto, faltam vestígios para dizer se essa canção foi ideia do Prefeito ou se foi uma indicação do governo estadual; de qualquer modo, a sua prescrição e possível realização, sinalizam para as interferências

políticas ou mesmo para as relações de poder existentes entre Estado, Prefeitura e Escola.

Uma prática comum nessa cerimônia envolvendo “os pássaros de metal” eram os concursos de aviões, planadores e pandorgas que aconteciam no pátio do Grupo Escolar envolvendo o lúdico, assim como colocando em prática as produções realizadas em sala de aula e propiciando ao alunado as experiências acerca do ar e do vento, ao testar as suas criações. As Figuras 5 e 6 são apresentadas como indícios que corroboram as considerações anteriores. Ambas representam os concursos realizados na escola em 1942, caracterizando o espaço em que aconteceram, as relações sociais e os personagens que deles participaram.

O registro do concurso de pandorgas apresenta um pouco do espaço que a escola dispunha para as atividades ao ar livre, sendo que, em sua totalidade, essa área continha 700m². Também, confirma os diferentes usos que as professoras e os alunos faziam desse espaço, uma vez que, além de abrigar os recreios nos dias ensolarados, era utilizado para a realização dos concursos, para os ensaios dos desfiles cívicos da Semana da Pátria e para as atividades desenvolvidas pelo Clube Agrícola, entre outros usos, diretamente relacionados a “la historia cotidiana del hacer escolar”, como pontua Viñao Frago (1995, p. 68).

Em virtude da presença de mais de uma professora na fotografia, bem como dos diferentes uniformes dos alunos(as), entendemos que essa atividade era um momento coletivo de encontro e de vivências entre as turmas da escola. Deduzimos (pois não há vestígios suficientes para confirmar) que os concursos se destinavam a todas as classes da instituição, talvez com diferentes modalidades e critérios de avaliação. Ainda, na imagem é possível observar que alguns meninos estão sem o uniforme escolar. Assim, partindo do pressuposto de que o uniforme era obrigatório, essa situação induz a pensar que, talvez, o seu controle não fosse tão “rígido” quanto aparentava ser nos registros contidos no Livro Diário da Escola (1940-1944), ou pode ser que esses alunos fossem novos na escola e até então não tivessem adquirido o uniforme.

Figura 5 – Concurso de pandorgas, 1942



Fonte: Acervo fotográfico da Biblioteca Euclides da Cunha, Colégio Estadual Farroupilha - Farroupilha/RS.

O registro passa a ideia de movimento, de um “click” preocupado em testemunhar uma cena natural deste evento, em que os(as) alunos(as) e as professoras se divertem no pátio escolar ao testarem as suas criações, procurando alcançar a maior altura e a maior velocidade com as pandorgas, sendo que esses eram itens avaliados no concurso, como se pode constatar no registro que apresentamos a seguir, embora o mesmo faça referência à Semana da Asa de 1941.

No pátio de recreio: - concurso de pandorgas; tomaram 10 alunos, saindo vencedores, na 1ª prova – rapidez em pandorga, o aluno Alcione Tartarotti, do 4º ano e na pandorga que atingiu maior altura, o aluno Mario do 5º ano. (Livro Atas Cívicas (1940-1951). Ata das comemorações da “Semana da Asa”, de 23 de outubro de 1941 – ACEF)

A despeito de pertencer ao mesmo ano da fotografia, o excerto acima é um bom exemplo que revela os critérios de avaliação do concurso, visto que, embora fosse um momento de diversão e de brincadeira, era também uma competição em que os melhores seriam premiados. Por meio do mesmo registro, pensamos que esse concurso

estava aberto a todos os alunos que dele queriam participar. Logo, não era uma atividade obrigatória, pois como se pode entender, apenas 10 alunos participaram do mesmo em 1941, o que, de certa maneira, também é perceptível na Figura 5, uma vez que olhando com mais rigor a imagem é possível perceber que somente alguns alunos, predominantemente meninos, conduzem as pandorgas. Os demais, assim como as professoras, acompanham como espectadores(as) desse momento. Nesse sentido, seria adequado pensar que a referida atividade era destinada ao gênero masculino? A Figura 6 também provoca essa dúvida.

Na imagem, aparecem alguns alunos e alunas do Grupo Escolar Farroupilha que participaram como competidores e como “admiradores” do concurso de aviões e planadores, também em 1942. Novamente, o cenário em que se desenrola a cena é o pátio da escola, mas, diferentemente da foto anterior, essa imagem foi produzida com a atenção dos sujeitos retratados. O posicionamento das crianças e o olhar direcionado para a câmera fortalecem essa representação.

Ao analisar a Figura 6, percebemos a presença de duas crianças, na lateral esquerda da imagem, a observar de longe o registro, dando a impressão de que foram excluídas desse momento. Além disso, nota-se que os estudantes posicionados no centro da fotografia não estão organizados por tamanho, sendo que muitos nem chegam a aparecer em meio aos colegas, bem como outros foram “cortados” do enquadramento da mesma. Esses pequenos sinais direcionam para as reflexões propostas por Kossoy (1989), uma vez que a fotografia é sempre uma produção humana e, portanto, nunca é neutra.

Por mais isenta que seja a interpretação dos conteúdos fotográficos, o passado será visto sempre segundo a interpretação do fotógrafo que optou por um aspecto determinado, o qual foi objeto de manipulação desde o momento da tomada do registro e ao longo de todo o processamento, até a obtenção da imagem final. (KOSSOY, 1989, p. 77)

Dessa maneira, compreendemos que o fotógrafo optou por elencar, como aspecto primordial de sua produção, os alunos campeões do concurso de aviões e planadores da Semana da Asa de 1942, colocados estrategicamente à frente e atrás dos(as), demais alunos(as), sendo que os dois meninos portando os aviões maiores estão localizados ao centro da imagem, direcionando ainda mais a atenção de quem olha para

essa figura em um primeiro momento, sem a pretensão de analisá-la historicamente. Talvez, fosse essa a intencionalidade da foto: “testemunhar” tal prática, destacando, dessa forma, o bom trabalho dos alunos e, logicamente, das professoras da instituição.

Figura 6 – Concurso de aviões e planadores, 1942



Fonte: Acervo fotográfico da Biblioteca Euclides da Cunha, Colégio Estadual Farroupilha - Farroupilha/RS.

Nas duas imagens apresentadas, assim como no registro acerca do concurso de pandorgas transcrito anteriormente, verificamos que apenas os meninos aparecem nas fotografias com os seus aviões, pandorgas e planadores, assim como são eles os premiados ao final dos concursos. Nesse sentido, questionamos: E as meninas? Não participavam dessa atividade, assim como os meninos não participavam do bailado da primavera? Esses fragmentos da cultura escolar induzem a pensar que havia um conjunto de práticas no interior da escola diferenciadas para meninos e para meninas, o que, de certa maneira, não é algo incomum no processo de escolarização no Brasil, muito menos nesse período.

Provavelmente, tais práticas foram, aos poucos, determinando os modos de ser e agir dos alunos e das alunas da instituição pesquisada, pois, como sublinha Louro:

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenham algumas habilidades e não outras. (LOURO, 2011, p. 65)

No entanto, ao pensar as práticas escolares, tendo como base as contribuições de Certeau (2014), especialmente levando em consideração os conceitos de táticas e de estratégias, nos perguntamos a respeito do que acontecia com as crianças que não concordavam com essas diferenças estabelecidas? Meninas podiam participar do concurso de aviões e pandorgas como os meninos? Podiam concorrer igualmente ao prêmio? Como subvertiam as ordens impostas pelas diferenças de gênero? É uma pena não haver fontes suficientes para responder a essas perguntas e para compreender mais a fundo as relações sociais fabricadas no ambiente da escola.

Como um dos aspectos finais em torno dessa celebração, destacamos dois indícios que levam a pensar que a Semana da Asa era comemorada para além do espaço escolar e envolvia não só os estudantes, as professoras e as famílias da instituição pesquisada, mas uma parcela da comunidade farroupilhense, especialmente a partir das ações empreendidas pelos Padres da Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, localizada próxima ao Grupo Escolar Farroupilha.

O primeiro indício é um registro contido no Livro Atas Cívicas (1940-1951), referente aos festejos da Semana da Asa de 1940: “Às 14 horas realizou-se na Igreja Matriz um concurso de pandorgas, papagaios, balões, etc. pelo Núcleo da Liga de Defesa Nacional” (Ata das comemorações da “Semana da Asa”, 27 de outubro de 1940 - ACEF). Esse escrito denota que existiam outros concursos que eram realizados durante a Semana, possivelmente envolvendo outras escolas do município no pátio da Igreja, ponto de encontro de algumas pessoas da comunidade.

Outro indício que levo em consideração está presente no mesmo documento acima, mas refere-se a uma missa realizada na Igreja Matriz da cidade como parte dessa solenidade, como mostrado a seguir:

Dia 23 (do aviador).

Às 7 horas, reuniram-se alunos e professoras no Grupo, sendo hasteada a Bandeira, com canto do Hino Nacional. Às 7 ½, dirigiram-se para a igreja matriz, onde foi celebrada uma missa com memória dos aviadores falecidos, tendo as crianças comungado. Ao finalizar a cerimônia religiosa, dirigiram-se todas as crianças para a Praça da Bandeira, onde foi hasteado o Pavilhão Nacional pelo Tenente Januário Dutra, prefeito municipal (Livro Atas Cívicas [1940-1951]. Atas das comemorações da “Semana da Asa”, 23 de outubro de 1940 – ACEF)

Assim, pensamos que a escola e a Igreja, em parceria, procuravam educar os pequenos e os seus pais, especialmente por meio das aulas de religião e das missas, fortalecendo o ideal de família e o ideal de aluno, bem como de bom cidadão, de bom patriota, de “cristão fervoroso, seguidor das leis, cumpridor das ordens, controlado, econômico, higiênico e, acima de tudo, racional”, na visão de Peres (2000, p. 295). Ou, como afirmam Vidal e Silva (2010, p. 41) “a chegada da idade escolar, o período de permanência na escola, as festividades promovidas, são rituais que adentram a dinâmica familiar” e vão produzir ressonâncias nos modos de viver da família e da comunidade. Cumpre ressaltar que esses discursos estavam associados também ao ideal de Nação que se queria construir durante o Estado Novo, visto que “Getúlio Vargas procura contar com a contribuição da Igreja católica no processo de inculcação desses mesmos valores”, como assinala Horta (2012, p. 96).

Considerações finais

A Semana da Asa foi considerada uma importante celebração escolar vivenciada no cotidiano do Grupo Escolar Farroupilha, ao longo da década de 40 do século XX, não apenas no interior da instituição, mas para além de seu espaço, uma vez que mobilizava a comunidade no seu entorno, envolvendo outras entidades como igreja e prefeitura. Segundo reflete Silva (2011, p.77) “através dos escolares, buscava-se a criação de um

sentimento nacional e a ideia de um Brasil como pátria de todos. Assim sendo, a escola se tornou essencial para o sucesso dessa empreitada”.

Em Farroupilha, município do interior do Rio Grande do Sul, colonizado por imigrantes e descendentes, o grupo escolar pesquisado foi portador de representações nacionalizantes por meio de suas práticas escolares, difundindo amplamente nos intra e extra-muros da escola a relação de amor “incondicional” à Mãe Pátria. A Semana da Asa foi uma dessas festividades que intuía marcar e educar o cidadão brasileiro, enfatizando nomes de heróis nacionais como Santos Dumont, exaltando seus feitos e aqueles das forças aéreas nacionais. Assim, por meio da ação de comemorar, o grupo escolar assumiu a função de internalizar o patriotismo e evitar o esquecimento dos feitos da história nacional, que se desejava rememorar. Cabe mencionar o fato de associar os rituais cívicos com aqueles próprios da Igreja Católica, por exemplo, por meio da celebração de missas ou da presença, nas comemorações, de seus representantes, como foi o caso, no Grupo Escolar Farroupilha. O ideal da escola pública laica, na ação concreta investigada no cotidiano do grupo escolar, não se efetiva. Muito antes pelo contrário, a associação do poder público com o poder eclesiástico manifesta-se nas comemorações de forma evidente, pensando-se na disseminação de valores cívicos e morais junto aos estudantes e suas famílias.

Nesse sentido, pelo estudo dos símbolos, heróis e conquistas da aviação nacional brasileira, pela importância destinada à campanha do alumínio, pelas experiências proporcionadas pelos concursos de pandorga e planadores, entre outras práticas, pensamos que o Grupo Escolar Farroupilha serviu aos ideais de nacionalização almejados pelo governo, favorecendo a construção de uma memória coletiva nacional, permeada por valores cívicos, religiosos e políticos, sendo que atendia filhos e netos de imigrantes e descendentes.

Assim, ressaltamos que as comemorações em torno da Semana Asa contribuíram, como era esperado e prescrito pelas políticas públicas da época, para a difusão de valores cívicos e morais, bem como para exaltar o respeito e o amor à Pátria brasileira, destacando a sua força, a sua importância, a sua beleza e a sua riqueza, não só para alunos e alunas da instituição, mas, de certa forma, para as famílias e para a comunidade

farroupilhense que participaram assistindo e prestigiando os festejos planejados e executados por ela.

Referências

20 DE SETEMBRO EM NOVA VICENZA. **Jornal A Federação**. Porto Alegre, 24/09/1929. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Acervo fotográfico. Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha.

AVIADORES. **Jornal A Federação**. Porto Alegre, 22/10/1935. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

BRASIL. Lei nº 218 de 04 de julho de 1936. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-218-4-julho-1936-398056-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 02 fev. 2019.

BOTO, Carlota. A liturgia moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **Revista de História da Educação**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 99 - 127 set./dez. 2014.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola**: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930). Dissertação (Mestrado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), São Paulo, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Anne Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157 -168, jul./dez. 2000.

DIA DO AVIADOR E SEMANA DA ASA. **Jornal Diário de Notícias**. Porto Alegre, 04/10/1940. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

FERNANDES, Cassiane Curtarelli. **Uma história do Grupo Escolar Farroupilha**: sujeitos e práticas escolares (Farroupilha/RS, 1927-1949). Dissertação em Educação. 218fl. Caxias do Sul: Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, 2015.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 0, p.63 – 82, set./dez. 1995.

GASPERIN, Alice. **Farroupilha**: ex-colônia particular Sertorina. Caxias do Sul: [s.n.], 1989.

GRUPO ESCOLAR DE NOVA VICENZA. *Jornal A Federação*, Porto Alegre, 13/09/1933. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

HOBBSAWM, Eric John. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 09-23.

HORTA, José Silvério Baia. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945). 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012.

INAUGURAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR RURAL. *Jornal Caxias*, Caxias, 25/08/1927. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

Livro Atas Cívicas (1940-1951). Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha.

Livro Diário da Escola (1940-1944). Arquivo do Colégio Estadual Farroupilha.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2011. 184 p.

PERES, Eliane Teresinha. **Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir**: a escola como oficina da vida. Discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública primária gaúcha (1909-1959). 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2000.

PETITAT, André. **Produção da escola, produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artmed, 1994. 268 p.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 3903, de 14 de Outubro de 1927. In: _____. **Leis, decretos e actos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul**, 1928. Porto Alegre: Oficinas typographicas Da Federação, 1929. p.540-554.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 3867, de 05 de Julho de 1927. In: _____. **Leis, decretos e actos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul**, 1928. Porto Alegre: Oficinas typographicas Da Federação, 1929, p. 356.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação e Cultura. Decreto nº 8020, de 29 de novembro de 1939. In: *Coletânea de Atos Oficiais*. v. II. Porto Alegre: CORAG, 1957.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 7.929 de 30 de agosto de 1939. **Revista do Ensino do Estado do Rio Grande do Sul**, 1939, Ano I, v. 1, n. 2, out., p. 142 a 227.

SEMANA DA ASA. **Jornal Diário de Notícias**. Porto Alegre, 16/10/1940. Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2. ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas: Editora Paz e Terra, 2000.

SILVA, Vânia Cristina da. **Ó Pátria Amada, Idolatrada, Salve! Salve! Festas Escolares e Comemorações Cívicas na Paraíba (1937-1945)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria: história da escola primária no Estado de São Paulo (1890 – 1976)**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni; DALLABRIDA, Norberto. **A escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

VIDAL, Diana Gonçalves; SILVA, Vera Lúcia Gaspar da. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 29-45, jul./dez. 2010.

Recebido em: 05/10/2020

Revisões requeridas em: 07/07/2022

Aprovado em: 21/07/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 23 - Número 53 - Ano 2022
revistalinhas@gmail.com